

TRANSMISSÃO, TRANSGRESSÃO E IDENTIDADE CULTURAL. ESTUDO COMPARATIVO DO LENDÁRIO DO QUEBEC E DO RIO GRANDE DO SUL: O EXEMPLO DO DIABO*

SYLVIE DION**

A literatura oral é um termo genérico que designa o conjunto das práticas “langagières” narrativas tradicionais como os mitos, os contos, as canções, a poesia popular. A tradição, no sentido etnológico, refere-se às formas de pensar, de fazer ou de agir que são transmitidas de geração em geração, que são uma herança do passado. Fala-se igualmente de “oratura”¹ para designar uma literatura sem texto no sentido em que é constituída de uma narração pontual e temporal, de um narrador a um ouvinte, de boca à orelha. A oratura, de acordo com Bertrand Bergeron:

constitui um acontecimento em si, um momento único e privilegiado. É ao mesmo tempo uma obra literária e uma atividade social importante, porque seu modo de expressão requer a presença do outro, da comunidade, ao mesmo tempo para existir e para ser difundido, isto é, conservado. (BERGERON, 1988: p. 63-64)

Mais que uma simples narração para divertir um auditório, o discurso lendário explora os valores morais de uma comunidade evidenciando tanto um exemplo a seguir, um modelo de indivíduo, tanto um contra-exemplo um comportamento a evitar a qualquer preço. Sendo a função primeira deste discurso, a de prevenir e de persuadir. Para uma coletividade a lenda representa a valorização de seu passado, de suas tradições, de seus valores. Discurso de prevenção e de advertência, nascido da necessidade de demarcar o normal do anormal, o moral do imoral, o prescrito do proibido, a lenda é sempre a narração de uma transgressão qualquer, de uma ação que consiste em desobedecer, em violar uma proibição, em ultrapassar os limites habitualmente permitidos ou tolerados. Os transgressores, pelo antimodelo que encarnam, colaboram para a norma e a coerência. Este discurso popular conta uma história, é uma narração, uma fabulação que destaca uma certa subjetividade, tendo por pano de fundo fatos reais, históricos e elementos retirados do fantástico, do sobrenatural e do extraordinário.

Embora que o discurso lendário se apresente mais sobre a forma oral que escrita, várias lendas foram popularizadas no Canada francês pelos escritores do fim do século XIX e início do século XX tais como Philippe Aubert de Gaspé pai e filho, Honoré Beaugrand, Phamphile Lemay, Louis Fréchette, apenas para nomear alguns que, com uma vontade de salvaguardar o que eles chamavam de “velhas tradições”, cristalizaram certos personagens legendários (Rose Latulippe, Marie Josephte Corriveau). Do mesmo modo, no Brasil, autores folcloristas como Luis da Câmara Cascudo, J. Simões Lopes Neto, Antonio Augusto Fagundes contribuíram largamente para a difusão e a valorização do lendário brasileiro.

* Traduzido do francês por Ricardo A. Soler, MA em literatura francófona, UFRGS. Este texto é uma versão revisada e ampliada da Comunicação apresentada no congresso internacional da ABECAN em novembro de 2001, em Porto Alegre. Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa do mesmo título iniciado em 2000 na Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, com o apoio do CNPq (Programa de Iniciação Científica). Colaboraram nesta pesquisa, Cátia Soares et Kelley Baptista Duarte.

** Etnóloga, Doutora em literatura comparada pela Universidade de Montréal, Canadá, professora adjunta no Departamento de Letras e Artes da FURG.

¹ Termo empregado por Pierre Jakez Hélias em “O cavalo de orgulho”, Paris Plon, 1975.

Quando em um primeiro estudo do folclore gaúcho, tivemos a ocasião de constatar a existência de vários temas lendários similares ao Quebec, tais como a lenda do Boitatá, gigantesca serpente luminosa, parente próximo dos fogos-fátuos quebequenses assim como as lendas que se referem aos tesouros dos Jesuítas² lembram os tesouros escondidos pelos acadianos em fuga quando ocorreu a grande deportação de 1755³. As histórias do diabo belo dançarino, dos lobisomens, das feiticeiras se encontram igualmente nas duas tradições.

Proveniente de diversas regiões da França, acompanhando os primeiros colonos emigrantes na Nova França, os contos, lendas, canções tradicionais foram implantadas na América francesa com todas as transformações que uma adaptação a um novo contexto supõe. Outros nos chegaram da Irlanda através da imigração (fim do século XIX, início do século XX). O folclore da velha França fundiu-se com o folclore ameríndio e celta para formar o lendário dos Franceses da América.

A região gaúcha, situada no sul do Brasil, é uma região um pouco particular. Primeiro pelo seu clima, mais perto do clima europeu que dos trópicos. Aí nós encontramos as quatro estações, inversas em relação ao hemisfério norte, com um verão quente e um inverno frio e chuvoso. Em algumas regiões da serra ocorre a precipitação de neve. Nelas as principais festas européias são celebradas seguindo o mesmo calendário e até a mesma tradição. O sul está dividido em cinco grandes regiões: as missões, antigas terras dos jesuítas, a montanha (Serra gaúcha), o litoral, região das praias, a planície (o pampa) e a região metropolitana com sua capital, Porto Alegre. Os habitantes destas regiões são chamados de Gaúchos. Antigamente, associado às lutas fronteiriças, o Gaúcho era um homem da planície, corajoso e batalhador, que considerava o cavalo como seu companheiro mais querido. Ele tinha por hábito beber em grupo o mate, bebida quente e amarga, chamado no sul de chimarrão. Nos nossos dias, os gaúchos são reputados no resto do Brasil por serem pessoas de honra. Gregário, hospitaleiro e trabalhador, o gaúcho conservou sua paixão pelos cavalos e pelo chimarrão.⁴

A tradição lendária do sul do Brasil oferece uma mistura vinda do folclore ameríndio, do folclore europeu, principalmente português e do folclore afro-gaúcho, isto é, dos escravos africanos.⁵

Como mencionado por Zilá Bernd em seu artigo Brasil/Quebec: a difícil inclusão da palavra do outro, o Brasil e o Quebec têm em comum "um passado colonial e um patrimônio cultural igualmente transplantados da Europa para o solo americano". (BERND: 1992, p. 97). Isso

² As lendas missionárias são testemunhas da presença jesuíta no Rio Grande do Sul e de um período historicamente agitado. Elas representam padres jesuítas, índios convertidos e também seus inimigos espanhóis e portugueses, seguidamente apresentados como mercenários e caçadores de escravos.

Entre 1682 e 1701, os jesuítas espanhóis fundaram sete missões no Rio Grande do Sul. Em 1750, quando do Tratado de Madri, a Espanha cedeu estas sete missões a Portugal. Os padres jesuítas, então instalados na região, não aceitaram esta decisão. Os índios missionários se revoltaram. É o que se chamou de guerra das missões. Em 1756, após um massacre terrível em que se opuseram as forças espanhóis e portuguesas de um lado, e os índios missionários do outro, batalha que matou mais de 1 500 índios, os missionários vencidos deixaram suas missões, incendiaram suas cidades e suas igrejas, e levaram uma grande quantidade de objetos sagrados: os tesouros dos jesuítas.

Quando abandonaram suas missões, os padres jesuítas foram perseguidos por mercenários caçadores de ouro. Vários jesuítas escolheram então livrarem-se de seus preciosos objetos à abandoná-los em mãos ímpias. Alguns tesouros foram enterrados, outros foram colocados em torres construídas para este fim, ou escondidos em subterrâneos, guardados por fantasmas ou monstros; outros tesouros foram jogados em lagos profundos.

³ Acadien: povo de origem francesa do Canadá expulsos da Acádia (correspondendo hoje, a Nova Brunswick e a Nova Escócia) e deportados pelos ingleses para a Louisiana, em 1755.

⁴ O *chimarrão* se bebe, geralmente, em grupo numa *cuiá*, pequeno vaso feito da metade de uma cabaça. Utiliza-se uma única cuiá que se passa de mão em mão (a roda do *mate*). Acrescenta-se para cada um da roda um pouco de água quente e sorve-se o *mate* com a ajuda de uma *bomba*, espécie de canudo de metal. O *chimarrão* acompanha o gaúcho em todas as reuniões de amigos e familiares, em suas saídas de domingo, e é comum vê-lo, até no verão nas praias gaúchas, formando grupos para dividir o *mate* enquanto conversam.

⁵ Encontramos sobretudo na tradição gaúcha a influência e a mistura destas três etnias. Entretanto, no que diz respeito ao folclore do Rio Grande do Sul em geral, encontramos igualmente, segundo as regiões, a influência das comunidades italiana, alemã, espanhola, polonesa.

deveria ser, em um primeiro momento, segundo a autora, suficiente para justificar os estudos comparativos entre as literaturas brasileira e quebequense. Ela constata no entanto, que a evolução da literatura brasileira e da literatura quebequense em direção a uma literatura nacional, conheceram caminhos bem diferentes, até mesmo opostos.

Mas o que aconteceu com a literatura oral? Como, face às novas realidades, estes imigrantes vindos da Europa, quase na mesma época reinventaram seu cotidiano? Como eles adaptaram esta memória coletiva, e para responder a quais necessidades? Esta pesquisa visa primeiramente demonstrar a importância da literatura oral para o conhecimento dos grupos sociais e para os estudos literários, fazendo ressaltar a função social destes discursos, a natureza e a utilidade. Ela visa igualmente a observação dos processos de transformação e de adaptação das narrações lendárias a fim de demonstrar o caráter dinâmico e representativo da mentalidade coletiva das narrações folclóricas e assim contribuir para uma melhor compreensão da evolução dos utilizadores.

Centrado em torno do personagem do diabo, “este personagem pitoresco e perigoso, único e entretanto proteiforme, atormentado pelas superstições populares e pelas condenações de Deus” (SEIGLILLE: 1994, p. 5) apresentaremos aqui diversas lendas encontradas nas duas tradições, tentando demonstrar como, em seus universos respectivos, estes imigrantes vindos da Europa reelaboraram suas lendas e suas crenças para responder as necessidades deste novo mundo.

Que teria acontecido se Adão não tivesse mordido a maçã? O lanche à sombra da árvore do Éden fez do diabo o complemento obrigatório do homem, o espelho obscuro de seus desejos inconfessáveis. (LACASSIN: 1994, p. VII)

O diabo é provavelmente o personagem mais importante dos seres fantásticos que povoam o universo lendário. O diabo das pessoas simples é entretanto bem diferente da figura literária ou teológica, ele é um personagem incômodo e familiar, temido em razão da sua capacidade nociva que ele introduz nas pequenas coisas da vida quotidiana. Pactuário, tentador, proprietário terrestre, “lixeiro de Deus”, o diabo vem punir os pecadores e os maus cristãos no lugar de Deus, que não pode sujar as mãos nestas baixas tarefas. Mas o diabo, às vezes, é um pouco estúpido, pois sempre há um meio para o homem astuto, de tirar proveito dele, de se servir, de enganá-lo, de ridicularizá-lo publicamente e até mesmo combatê-lo.

Ele é astuto ou covarde como uma raposa faminta ou um lobo encharcado: perigoso como os dois juntos. Ele é um e vários ao mesmo tempo. Da cidade ou dos campos, vestido conforme a situação. Exagerado ou discreto, de acordo com o querer da maldade universal. Às vezes doce como um sorriso de freira, às vezes rabugento como um camponês roubado. De boa aparência ou vadio, senhor ou mendigo. Falso como um tostão de chumbo dourado, e trapaceiro como um corvo que se pintaria de todas as cores para imitar a bobagem das pessoas. (SEIGNOLLE: 1994, p. 5)

Na mentalidade popular, ele representa de fato, a má consciência. É, segundo Jean Duberger, “O eu” culpado, a tentação à qual sucumbiu-se (DUBERGER: 1984). A consciência humana se vê assim, aliviada de vários problemas já que é o Diabo que nos empurra a esta má conduta. Instrumento de controle social, punindo os transgressores, o diabo recolhe os frutos da tentação, do convite, do tormento. Ele é ao mesmo tempo tentador e algoz.

Como já foi mencionado, na lenda tradicional, fatos históricos e personagens fantásticos convivem harmoniosamente. O sobrenatural toma assim raiz nas preocupações mais quotidianas do homem comum. Baseada na crença, a lenda conjuga tradições religiosas e profanas. Uma olhada nos temas lendários nos revela rapidamente a marca católica das práticas culturais tradicionais. Segundo Mircéa Éliade, “quanto mais o homem é religioso, mais ele dispõe de modelos exemplares para seus comportamentos e suas ações” (ÉLIADE: 1965, P. 83). Tanto no Quebec, como no sul do

Brasil, a maioria das transgressões que são contadas, atingem de perto ou de longe o código de ética ligado às práticas religiosas.

O diabo ocupa então, um lugar de escolha no lendário do Quebec. Sempre em busca de almas, espreitando os desavisados, ele incarna a força negativa em um mundo onde a ordem repousa sobre a oposição entre o bem e o mal. Como explica Jean Du Berger:

Se o diabo conclui pactos com construtores de igrejas ou de pontes, se ele faz voar a canoa da "chasse-galerie", se ele dá dinheiro em troca de uma galinha preta, se ele colabora com as feiticeiras, se ele aceita lutar, se ele dança com uma jovem, se ele toca violino para os dançarinos (e poderíamos multiplicar os exemplos) é sempre com o intuito de levar com ele aqueles que entraram em contato com ele. A imagem que permanece é a de um rapto. (DUBERGER: 1994)

O diabo apresenta-se aos humanos sob as mais diversas aparências e formas. Ele poderá, a seu grado, tomar os traços de um belo estrangeiro, de um cão preto, de um cavalo ou ainda de um gato. No Quebec é muito comum ele apresentar-se sob a forma de um cavalo para participar na construção de uma igreja ou de uma ponte. Após o pacto, o diabo aceita colaborar na construção. Ele conta receber em troca, a alma do primeiro ser que entrar na igreja ou passar pela ponte, quando a obra estiver concluída. Na maioria dos casos, ele será enganado, pois se tomará o cuidado de reservar a última pedra para fazer de conta que a igreja nunca seja considerada como terminada ou ainda que o primeiro ser a entrar nela ou passar pela ponte seja um animal.

Entretanto os pactos não se limitam somente às construções. Chama-se o Diabo para solucionar problemas pessoais, sobretudo os financeiros. Qualquer enriquecimento rápido ou ascensão social torna-se suspeita. Em matéria de diabruras, a palavra tem seu peso. Não se invoca as forças infernais levemente. Vai pro diabo! Que o diabo te carregue! Eu dou pro diabo! têm às vezes conseqüências insuspeitas. É assim que nas Fundições de St-Maurice, o diabo teria herdado uma terra para extração de madeira. De fato, uma certa senhorita Poulin, solteirona rabugenta, após uma briga com o contramestre das Fundições que não respeitava os limites de sua terra, teria dado sua propriedade ao diabo em um momento de cólera: "já que é assim, eu dou minha terra pro diabo!" Após sua morte, viu-se um estranho personagem vestido de preto passear nas terras, medindo, cuidando do seu bem. (DUBERGER:1984, p. 4)

No Quebec, o diabo guia também, as "canoas voadoras". Em numerosas narrações de "chasse-galerie", lenhadores, saudosistas, prisioneiros das florestas congeladas, podiam, após um pacto com o diabo, voar em uma canoa e atravessar distâncias incríveis para ir dançar, festejar ou simplesmente ir abraçar as noivas. Eles deviam, entretanto, observar certas regras e fazer esta promessa:

Satã! rei dos infernos, nós te prometemos entregar nossas almas, si daqui até às seis horas da manhã nós pronunciarmos o nome de teu mestre e do nosso, o bom Deus, e se nós tocarmos em uma cruz durante a viagem. Com esta condição tu nos transportarás através dos ares ao lugar que queremos ir e nos trarás de volta! (BEAUGRAND:1973, p. 23)

A "chasse-galerie", significa antes de tudo, os fenômenos sonoros percebidos nos ares ou na terra. Frequentemente ela é ligada à visão de objetos ou seres que se deslocam nos ares. Fenômenos inexplicados e inexplicáveis são contados pelo discurso popular que tentará fornecer uma explicação.

Mas porque "Chasse-Galerie"?

Segundo Brigitte Pukhart, a origem desta lenda remonta à Idade Média onde um impenitente, senhor Poitevin, o Senhor de Gallery, teria sido condenado com os seus companheiros a caçar do cair da noite ao nascer do dia, até o fim dos séculos.

Na França, reconhecia-se nos fenômenos sonoros e visuais, vindos das "alturas", a caça maldita do Senhor de Gallery. Se no Quebec batizou-se com este nome fenômenos análogos, isto prova que o senhor de Gallery mudou de continente em companhia dos colonos franceses emigrantes na Nova França. (PURKHARDT: 1992, p. 63)

Do lado da observação dos princípios religiosos, encontramos numerosas narrativas de sacrílegos, blasfemadores e outros maus cristãos punidos pelo diabo. A sagração é uma forma de insulto bem quebequense popularizado pelos lenhadores. Bastante generalizado na linguagem popular, "sagar" significa evocar em vão o nome de Deus, dos santos ou de objetos sagrados, distorcendo freqüentemente a palavra para que esta se torne menos identificável: tabernáculo tornar-se-á tabernacle ou tabarslaque, batismo será batesche. O sacrílego impenitente correria o risco de ser, um dia, transformado em um cão preto, apanhar do diabo, de ser castigado pelo seu cura ou ainda desaparecer misteriosamente.

A não observância do repouso dominical e dos dias santos era também severamente punida. Conta-se que se se dançasse num domingo, numa quarta-feira de cinzas ou durante a quaresma, corria-se o risco de ser visitado pelo diabo.⁶ Uma outra lenda conta que o diabo apareceu a duas mulheres. Estas, que tinham ido colher frutos selvagem durante a missa dominical, começaram a brigar e a blasfemar. O diabo deixou a marca de seus pés sobre uma pedra como sinal de sua passagem.

Foi durante a missa, logo, a discussão era muito mais grave.

Assim o demônio chegou; acompanhado de um exército, um exército de cães, gatos, serpentes, porcos-espinhos e de tantos outros animais com olhos de fogo, que as mulheres ficaram tomadas de pavor.

O demônio ameaçou. Seus pés se afundaram na rocha como se esta fosse de cera. Vocês não querem acreditar em mim; pois bem, vão a St-Lazare de Bellechasse, no final da quarta quadra, a nordeste e vocês verão a rocha do diabo com os traços dos pés, das garras, das patas. (BILODEAU: 1927, p. 7)

Todos os trabalhos efetuados aos domingos, mesmo para passar o tempo, eram considerados pecado. É por essa razão que nossas avós, que matavam o tempo tricotando ou tecendo aos domingos, tomavam o cuidado de desfazer sua obra ao final do dia, esses trabalhos eram considerados de mau labor.

A dança, por muito tempo proibida pelos bispos, porque era considerada uma "ocasião" do pecado, deu origem a centenas de narrativas relacionadas a dançarinos punidos pelo diabo e a jovens raptadas por satanás. Conhecido sob o nome de "diabo belo dançarino", a lenda mais famosa é a de Rose Latulippe, jovem frívola que gostava muito da dança e que teve a infelicidade de dançar com Satanás numa terça-feira gorda. Ela foi salva pelo seu padre:

Foi o tempo para que o padre chegasse; o desconhecido puxando pelo fio do colar, rompeu-o, e ele se preparava para segurar a pobre Rose; quando o padre, rápido como um raio passou a estola em volta da jovem e, apertando-a contra seu peito que havia recibo Deus naquela manhã, gritou com voz trovejante: – Que fazes aqui, infeliz, entre os cristãos? (...)

– Eu não reconheço como cristãos, respondeu Lúcifer virando os olhos ensangüentados, aqueles que por desprezo de sua religião, dançam, bebem e se divertem em dias consagrados à penitência pelos vossos preceitos malditos; aliás esta jovem entregou-se a mim e o sangue que corre de sua mão é o selo que nos une para sempre.

⁶ Ver a narração de Rose Latulippe.

- Afasta-te Satanás gritou o padre, batendo-lhe com sua estola e pronunciando palavras em latim que ninguém compreendia. O diabo desapareceu logo com um barulho assustador e deixando um cheiro de enxofre que quase sufocou os presentes. (AUBERT DE GASPÉ, FILS, 1837, p. 36)

A infeliz noiva do diabo entrou para o convento e morreu cinco anos mais tarde. Dança, bebedeira, jogos de cartas, cabarés e outras atividades que incitam à embriaguez e ao desvio de conduta eram severamente condenados pelo clero e cobiçados pelo povo. O diabo ali reinava e policiava, e é através das narrativas que o grupo questiona suas próprias regras, confirma suas normas, servido-se dos transgressores ou que vivem em contradição com elas.

Visível ou invisível, eis o personagem em questão que não se sabe se somente o nome, já não é o maior mal que ele possa nos fazer. Não o pronunciamos... (SEIGNOLLE: 1994, p. 5)

No Brasil, segundo Luís da Câmara Cascudo, encontramos o diabo português, com os mesmos processos, as mesmas seduções e os mesmos medos. Os poderes e os hábitos demoníacos no Brasil são idênticos aos europeus. Encontramos aí o diabo pactuante, punidor, belo dançarino e também batalhador. Entretanto, se no Quebec ele toma a aparência de um belo estrangeiro ricamente vestido, de um Senhor, como se dizia, e que estava mais ligado à figura de um rico americano, no Brasil ele se apresenta sob os traços de um jovem mestiço, muito belo e sedutor.

Regra geral o gaúcho não gosta de pronunciar a palavra diabo porque ele crê que ao repetir o nome do diabo várias vezes, este aparecerá durante a noite batendo um martelo. Em compensação tem-se o costume de utilizar outras denominações como tinioso, vermelhinho, demônio, etc., ou ainda algumas outras deformações como: dianho ou diacho. Vários provérbios e expressões populares fazem igualmente referência ao diabo: "Mulher com bigode, nem o diabo pode", "Quando o diabo não pode vir, manda o secretário", "Deus existe para me dar o que o diabo me tirou", ou ainda "Quando se está no inferno, não custa nada abraçar o diabo". (FAGUNDES, 1992, p.14)

Como no Quebec, o diabo é proprietário de lugares e bens. Algumas estradas ou trechos pertenceriam ao diabo, tal o número de acidentes com mortes que acontecem aí. Em Soledade, entre outras, conta-se que em uma noite fria e nevoenta, chegou um ônibus quase vazio. No banco da frente, dois homens discutiam os numerosos acidentes fatais que tinham acontecido na estrada entre Soledade e Passo Fundo. Um deles disse que os acidentes iriam diminuir, pois a polícia federal iria, em breve, instalar um posto de vigilância na saída da cidade. No banco de trás, um jovem mestiço, cabelos crespos e dentes muito brancos, divertia-se muito com a conversa dos dois homens. Pouco depois, o ônibus parou em um restaurante para uma curta pausa. Os homens desceram e o jovem mestiço passou entre eles e disse: "A polícia não vai servir pra nada aqui. Esta estrada me pertence daqui até o riacho Tigela. Vai continuar a morrer gente, cada vez mais!" Os dois homens perguntaram-lhe quem era. Como resposta, ele afastou-se rindo e desapareceu dentro da cerração deixando atrás de si um cheiro de enxofre. (FAGUNDES: 1992, p. 16)

O diabo pactuante se encontra em várias regiões do sul do Brasil. Como no Quebec, as fortunas adquiridas rapidamente, a prosperidade súbita de certos proprietários de terras, são freqüentemente atribuídas a um pacto com o diabo. Assim, conta-se que um criador da cidade de Soledade teria ganhado sua fortuna com um pacto com o diabo segundo o qual ele lhe entregaria seu próprio filho. Da mesma forma, uma comerciante cujos negócios não iam bem, teria trocado sua alma por uma nova prosperidade. Ainda em Soledade, uma professora muito conhecida pela população foi surpreendida comprando velas vermelhas. Seus alunos, intrigados, seguiram-na até uma pedreira isolada onde ela acendeu quatro velas dispostas em cruz invocando o diabo para obter... um marido! (FAGUNDES: 1992, p. 16-17).

Encontramos, também, o diabo sob o aspecto de um belo dançarino, ameaçando as jovens que gostam bastante da dança e que têm tendência a dispensar seus noivos pelo primeiro estrangeiro

que chegar. O belo dançarino, que lembra a lenda quebequense de Rose Latulippe, teria aparecido em vários municípios do Rio Grande do Sul⁷, durante bailes de carnaval e reuniões dançantes. O diabo aparece aí com traços de um jovem mestiço, estranho na cidade, muito bonito, sorridente e simpático. Rapidamente ele corteja a jovem da casa ou a mais bela do baile e começa a dançar com ela. Por volta da meia-noite, a mãe da jovem que suspeita de alguma coisa, começa de repente a gritar: "O pé redondo!", "O casco!". Logo a mãe da jovem se lança contra o Diabo e lhe retira sua filha. Assim descoberto, o belo dançarino desaparece em uma nuvem de pó, deixando atrás de si o cheiro característico de enxofre.

Ele vem também punir o pecado do orgulho, como nos é dito no conto da rica e orgulhosa senhora que recusou dar a mão de sua filha a um jovem rapaz pobre, mas honesto e trabalhador, dizendo que preferia casar sua filha com o diabo do que com um pobre. Logo um jovem rico se apresenta dizendo-se proprietário de vários bens e pede a jovem em casamento. Eles se casam e após um mês o marido desaparece sem deixar vestígio. A jovem grávida, dá à luz a uma criança estranha: ela tinha um rabo, dentes e falava. Viveu apenas algumas horas... A parteira conta que se tratava realmente do diabo em pessoa e que ele tinha vindo para punir a mãe do seu orgulho. (BORGETTI, 1982, p.).

Assim como no Quebec, o diabo aparece e vem punir os jogadores de cartas e dados, os bêbados inveterados e as jovens levianas. Às vezes ele aceita desafios: disputa de canto, briga de soco propriamente dito, onde o ferrabrás/fanfarrão do lugar pode se medir com um adversário à altura. Estas narrativas representam um homem bem comum que desafia o diabo unicamente com sua força física, reforçando assim a superioridade do bem sobre o mal, dentro da ordem estabelecida. "Provedor do mais feroz dos braseiros, espreitando ou exigindo as almas, ele mesmo (o diabo) trabalha como um condenado. Para apanhar clientes, ele é obrigado a dilapidar um tesouro de "engenhosidades". (SEIGNOLLE: 1994, p. 5).

Um banco forrado de pelego numa roda de mate será sempre mais eficaz que uma terapia de grupo, em matéria de resolver os escaninhos da mente popular. (FAGUNDES, 1992, p. 10)

Segundo Antonio Augusto Fagundes, folclorista gaúcho, "ninguém pode ter a pretensão de conhecer um grupo social em profundidade sem abordar seu folclore. Estudar os mitos e as lendas é, por conseqüência fundamental" (FAGUNDES: 1992, P.9). Forma de autobiografia coletiva, a lenda é a história dos pais contadas pelo povo. Cada narrativa participa deste álbum de família, ele é um traço da pequena e grande história coletiva. O acontecimento sócio-histórico desencadeador da narrativa, é assumido pelo grupo que o impregna de seus valores e de seus modelos de comportamento. Cada lenda, é assim o lugar de uma reinterpretação dos fatos. Embora seja convencionalizado que o que é contado seja não somente verídico, mas também vivenciado, fatos históricos e personagens fantásticos se misturam, pois trata-se antes de tudo de explicar a si mesmo o inexplicável e o incompreensível, de dizer o porquê das coisas e dos acontecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUBERT DE GASPÉ, fils. *Le chercheur de trésor ou l'influence d'un livre*, Quebec: éditions l'étincelle, 1837.
 BERGERON, Bertrand. *Au royaume de la légende*. Chicoutimi: Les Editions JCL INC., 1988, 389p.
 BERTUSSI, Lisana. *Literatura Gauchesca: do cancionero popular à modernidade*. Caxias do sul: EDUCS, 1997.
 BILODEAU, G. La roche du diable: In: *La voix nationale*, Quebec, 1, 1927, p. 7.
 BORGHETTI, Terezinha Bertol. *O diabo na região de colonização italiana*. Porto Alegre: Faculdade de Música Palestrina, 1982.

⁷ Ele teria aparecido, também, em Encantado em 1930. A jovem em questão, ficou conhecida como a noiva do diabo. Igualmente sua aparição teria ocorrido em Uruguaiana, durante o carnaval de 1942, e em Osório (data não precisa) durante uma festa, numa quarta-feira, à noite. Fagundes, *op. cit.*

- COSTA, Ana Lúcia Massif. *O diabo no conceito popular*. Soledade. Porto Alegre: Faculdade de Música Palestrina, 1983.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Martins, 1954.
- _____. *Contos tradicionais do Brasil*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.
- _____. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.
- _____. *Literatura Oral no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio / MEC, 1978.
- LAYTANO, Dante de. *Folclore do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1987.
- DU BERGER, Jean. *Introduction à la littérature orale* (documentation). Québec: P.U.L., 1971.
- DU BERGER, Jean. Cahier du cours: Les légendes et autres croyances populaires, FOLK 2127 FZ, Université de Sudbury, 1994, Module 8, *Diable et autres êtres fantastiques (1)*.
- DU BERGER, Jean. Le Diable, émission radiophonique "Démons et merveilles": Montréal, Radio Canada, transcriptions, cahier 5 et 6, novembre 1984.
- DUPONT, Jean-Claude et Jacques Mathieu (éds.). *Héritage de la francophonie canadienne, traditions orales*. Québec: PUL, 1986.
- FAGUNDES, A. *Mitos e lendas do Rio Grande do sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.
- FRÉCHETTE, Beaugrand et Stevens. *Contes D'autrefois*. Montréal: Beauchemin, 1946.
- BEAUGRAND, Honoré. *La Chasse Galerie, "Légendes Canadiennes"*. Montréal, Fides 1973.
- LACASSIN, Francis. Introduction: Claude Seignolle ou le Viollet-le-Duc des châteaux de la peur. In: SEIGNOLLE, Claude. *Les évangiles du diable*. Paris: Éditions G.P. Maisonneuve et Larose, 1994.
- LOPES NETO, J.S. *Lendas do sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.
- LOPES NETO, J.S. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Porto Alegre: Globo, 1981.
- ÉLIADE, Mircea. *Le sacré et le profane*. Paris: Gallimard, 1965.
- PETERSON, Michel & BERND, Zila (orgs.). *Confluence littéraires, Brésil-Québec: les bases d'une comparaison*. Québec: Éditions Balzac, coll. l'Univers des discours, 1992.
- PURKHARD. La chasse-galerie, de la légende au mythe: Montréal, XYZ, 1992, p. 62-63.
- BILODEAU, G. "La roche du Diable", In *La voix nationale*, v. 1, p. 7, 1927.
- SEIGNOLLE, Claude. *Les évangiles du diable*. Paris: Éditions G.P. Maisonneuve et Larose, 1994.

CADERNOS LITERÁRIOS

Fundação Universidade Federal do Rio Grande
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em História da Literatura
Núcleo de Pesquisas Literárias



ISSN 1415-8132

Cad. Lit.

Rio Grande

v. 10

p. 1 – 78

2005